

## O ensino de Botânica e seus diálogos com o Currículo: investigando produções acadêmicas

### Botany teaching and its dialogues with the curriculum: investigating academic productions

**Bruna Figueiredo Dias**

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
brunadias99@gmail.com

**Juliana Marsico**

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
jumarsico@gmail.com

**Marcia Serra Ferreira**

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
marciaserraferreira@gmail.com

#### Resumo

Nesse texto, objetivamos compreender de que modo o ensino de Botânica vêm figurando na literatura acadêmica, colocando foco nas suas relações com o campo do Currículo. O artigo é parte de investigações que vêm sendo realizadas no *Grupo de Estudos em História do Currículo*, coletivo de pesquisa que se desenvolve no NEC/UFRJ. No diálogo com Michel Foucault e Thomas Popkewitz, assumimos uma abordagem discursiva para os estudos em História do Currículo como História do Presente. Na análise, evidenciamos tanto as críticas que o ensino de Botânica vem sofrendo quanto as inúmeras tentativas de dinamizá-lo a partir de estratégias didáticas e atividades pedagógicas. Notamos significativa ausência de relação entre o ensino de Botânica e o campo do Currículo, o que produz discursos que normalizam a noção de ‘cegueira botânica’. Alternativamente, argumentamos em favor de um entendimento dos *processos alquímicos* que produzem a Botânica nos currículos da educação básica.

**Palavras chave:** currículo, ensino de Botânica, cegueira botânica, alquimia das disciplinas escolares.

#### Abstract

In this text, our goal was to comprehend how Botany teaching comes up currently in the academic literature, focusing on its relation with the Curriculum field. This work is part of investigations being held up in the *Study Group of Curriculum History*, research group established at the Curriculum Studies Center/Federal University of Rio de Janeiro. In dialogue with Michel Foucault and Thomas Popkewitz, we assume a discursive approach for the studies

in Curriculum history as History of the Present. In this analysis, we evince both the critics Botany teaching has suffered as well as the innumerable attempts of making it more dynamic through didactic strategies and pedagogical activities. We notice significant absence of the relation between Botany teaching and the Curriculum field, which fabricates discourses that normalize “plant blindness”. Alternatively, we argue in favor of an understanding of the alchemic processes that produce Botany in the curriculum of basic education.

**Key words:** curriculum, Botany teaching, plant blindness, school disciplines alchemy.

## Introdução

As plantas estão no centro da história do nosso planeta e da humanidade. Ao longo dos séculos, o ser humano se relaciona com plantas das mais diversas maneiras, construindo uma infinidade de significados. A Botânica, como conhecimento científico e escolar, tem grande potencial para a formação de cidadãos reflexivos, conhecedores de seu arredor e de sua capacidade de transformá-lo. É com base nessa questão que, no presente texto, estamos interessadas em compreender de que modo o ensino de Botânica vêm figurando na literatura acadêmica, colocando foco nas suas relações com o campo do Currículo. O artigo é parte de investigações que vêm sendo realizadas no *Grupo de Estudos em História do Currículo*, coletivo de pesquisa que se desenvolve no Núcleo de Estudos de Currículo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (NEC/UFRJ). Nele, vimos produzindo uma *abordagem discursiva* (ver, por exemplo, FERREIRA, 2013, 2015 e 2022; FERREIRA & SANTOS, 2017; FERREIRA & MARSICO, 2020; MARSICO & FERREIRA, 2020) para os estudos em História do Currículo, assumindo-os como História do Presente no diálogo com autores como Michel Foucault e curriculistas que com dialogam (em especial, Thomas Popkewitz).

Em produção anterior (DIAS *et. al.*, 2021), realizada no âmbito do projeto ‘As plantas e o ensino de Ciências e Biologia: uma experiência sensível na formação docente’, uma ação de extensão integrada ao ‘Projeto Fundação Biologia – UFRJ’, investigamos produções acadêmicas que abordam o ensino de Botânica na escola. Dentre as trinta e nove (39) publicações levantadas e analisadas, notamos uma enorme variedade de atividades pedagógicas, desde aquelas mais associadas a tradições curriculares do ensino de Ciências e Biologia – como a produção de hortas e a visita a jardins botânicos –, até a utilização de tecnologias para a produção de jogos e a experimentação sensorial com os estudantes.

Em diálogo com essa produção (DIAS *et. al.*, 2021), focalizamos aqui, especificamente, o modo como conceitos e autores do campo do Currículo têm sido mobilizados nas produções acadêmicas voltadas para o ensino de Botânica. Fazemos esse movimento assumindo que tais produções constroem significados para a pesquisa sobre os currículos acadêmicos e escolares na área, participando da constituição de seus conhecimentos e sujeitos. Nesse texto, portanto, focamos nos *regimes de verdade* – no sentido proposto por Michel Foucault (2014) – que vêm produzindo e regulando o ensino de Botânica. No diálogo com Michel Foucault e Thomas Popkewitz (2011), um de seus importantes interlocutores do campo do Currículo, percebemos as produções aqui investigadas em meio a um *sistema de pensamento* que vem, historicamente, nos ensinando acerca do que seria mais ‘adequado’ e ‘correto’ para o ensino de Botânica.

Para atingir o nosso objetivo, produzimos um arquivo de pesquisa com as produções acadêmicas veiculadas nos Encontros Nacionais de Ensino de Biologia (ENEBIO), evento

organizado bianualmente pela Associação Brasileira de Ensino de Biologia (SBEnBio) e que promove a reunião de professores, estudantes e pesquisadores da área e a troca de conhecimento sobre (e para) o ensino de Ciências e Biologia. Aqui, preliminarmente, analisamos trabalhos publicados em duas edições mais recentes do evento (2018 e 2021), que ocorreram em 2018 e em 2020, a partir do acesso dos anais dos eventos, a partir do acesso dos anais dos eventos, disponibilizados no sítio eletrônico da entidade<sup>1</sup>. Em ambos, buscamos nos títulos de todas as publicações, a partir da ferramenta de busca *Ctrl + f*, os seguintes descritores: planta\*, vegeta\*, botânico\*, hort\*, flora, árvore\*, fotossíntese e etnobotânica. No total, foram encontrados sessenta e sete (67) trabalhos a partir de tais descritores. Como nos interessa a análise do ensino de Botânica na sua relação com o campo do Currículo, criamos um segundo filtro de pesquisa, agora selecionando dentre esses sessenta e sete (67) somente aqueles inscritos no eixo temático do evento nomeado ‘Ensino de Ciências e Biologia: Avaliação, Currículo e Políticas Públicas’. Desse segundo movimento resultaram sete (7) publicações, que vieram a compor o conjunto de fontes analisadas nesse texto. O Quadro I lista esse conjunto de produções.

**Quadro I:** Produções do ENEBIO 2018 e 2021 sobre ensino de Botânica dentro do eixo temático ‘Ensino de Ciências e Biologia: Avaliação, Currículo e Políticas Públicas’.

ENE BIO	Autores	Título
2018	ESTEVES, L. V. C.; MEDEIROS, M. B.; SANTOS, R. J. M.; MESQUITA, N. S.	Diagnose do Ensino de Botânica no curso de Licenciatura Integrada em Biologia e Química da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)
2018	COAN, C. M.; AMORIM, M. B.	Perspectivas da Alfabetização Científico-Tecnológica ampliada para superar dificuldades do ensino de Botânica na Educação Básica
2021	JORGE, V. L. C.; GOMES, T. C. C.; FRANCO, L. G.	O Ensino de Botânica nas Escolas Estaduais de Minas Gerais no contexto de pandemia
2021	XAVIER, S. E. C. B.; BARROS, I. O.	Atlas didático de Histologia Vegetal como recurso auxiliar no Ensino de Botânica
2021	VIEIRA, B. C.; MEDEIROS, J. B. L. P.	Ensino-aprendizagem no Curso de Ciências Biológicas: teoria e prática no contexto da disciplina de Botânica
2021	CORDEIRO, R. S.; PUGLIESE, A.; SOUSA, E. S.; SOUSA M. F.; PEREIRA, M. S. B.	Qual o perfil das questões de Botânica no ENEM?

<sup>1</sup> <https://www.sbenbio.org.br/>



2021	ARAÚJO, E. S.; LIPORINI, T. Q.	O Ensino de Botânica no currículo de Ciências da Natureza do Distrito Federal
------	--------------------------------	---

### Diálogos entre Currículo e o Ensino de Botânica

Os sete (07) trabalhos analisados enunciam a Botânica como uma disciplina difícil de ser ensinada e aprendida tanto no ambiente escolar quanto no espaço universitário, produzindo-a como repleta de nomes para memorizar e distante da realidade dos estudantes, sendo o seu ensino “considerado como muito teórico, desestimulante para os alunos e sub valorizado dentro do ensino de Ciências e Biologia” (ESTEVES *et al.*, 2018, p. 5370). Três (03) publicações (ESTEVES *et al.*, 2018; COAN & AMORIM, 2018; CORDEIRO *et al.*, 2021), ao tratarem da relação dos seres humanos com a biodiversidade vegetal, fazem referência ao conceito de ‘cegueira botânica’, que é definido como a incapacidade humana de perceber as plantas no ambiente e, por consequência, a importância das mesmas. Em tal contexto, nós, seres humanos, seríamos incapazes de reconhecer as plantas em nosso cotidiano, ignorando a importância e as características únicas das mesmas, inferiorizando-as. Para esses autores, tal ‘cegueira botânica’ seria produzida, em especial, pela maneira como as disciplinas escolares Ciências e Biologia vêm mobilizando o ensino de Botânica, caracterizado como muito teórico, carregado de nomenclaturas e limitado do ponto de vista evolutivo. É nessa direção que, de acordo com Coan & Amorim (2018, p. 5588):

(...) aliado à falta de vínculo do assunto com a realidade do estudante, a quase inexistência de aulas práticas, poucos materiais disponíveis e indicados para uso na Educação Básica e dificuldades na formação dos professores nesse tema, resulta[m] no insucesso do processo de ensino e aprendizagem de Botânica nas escolas brasileiras.

No que se refere aos sentidos produzidos para o ensino de Botânica, os sete (07) artigos analisados enunciam a necessidade de dinamizá-lo, contextualizá-lo, torná-lo mais lúdico por meio de novas estratégias didáticas. Entretanto, ao investigar as diferentes práticas pedagógicas geradas e aplicadas por professores de Ciências e Biologia (DIAS *et al.*, 2021), percebemos grande quantidade e variedade de atividades relacionadas ao ensino de Botânica na escola, além de um grande esforço por parte dos professores em garantir um ensino dinamizado e ativo por parte dos estudantes, o que coloca em questão a referida ‘cegueira botânica’. Dois (02) trabalhos (COAN & AMORIM, 2018; XAVIER & BARROS, 2021), por exemplo, apresentam esse movimento, essa necessidade de dinamização ao proporem diferentes práticas a serem aplicadas em sala de aula, sempre em oposição a um ensino mais memorístico e pouco dinâmico.

Em outra produção (VIEIRA & MEDEIROS, 2021, p. 5-6), é proposto um estudo no qual estudantes universitários de um curso de Licenciatura em Ciências Biológicas responderam a questionários avaliando as suas vivências nas disciplinas acadêmicas voltadas para a Botânica. Os resultados desse estudo indicam que “95% [dos estudantes] afirmaram que, durante a faculdade, os professores [...] utilizaram outros métodos de ensino, além da aula expositiva e que seus aprendizados foram mais eficazes em aulas que se utilizavam de outros métodos”. Aqui percebemos não só o esforço dos professores na criação e utilização de diferentes métodos e estratégias para o Ensino de Botânica, como também o reconhecimento dos estudantes sobre a qualidade desse ensino e do processo de aprendizagem durante a formação inicial docente. Dentre as metodologias mencionadas, estão as aulas de campo, as aulas práticas e a criação de cordéis, aquarelas, paródias e modelos didáticos, para dar alguns

exemplos. Tal trabalho reforça, como evidenciado em Dias *et al.* (2021), a variedade de estratégias utilizadas para um ‘bom’ e ‘adequado’ ensino de Botânica. É interessante ressaltar, mais uma vez, que a noção de um ensino de Botânica que promove a ‘cegueira botânica’, uma vez que descontextualizado, teórico, desestimulante e pouco valorizado nos currículos das disciplinas escolares Ciências e Biologia, parece ir de encontro com essa variedade de práticas e atividades pedagógicas enunciadas.

Ao buscar compreender sob quais sentidos de currículo o ensino de Botânica vem sendo produzido em artigos sobre o ensino de Ciências e Biologia, nos surpreendeu o fato de que, nos trabalhos selecionados dentro do eixo temático ‘Ensino de Ciências e Biologia: Avaliação, Currículo e Políticas Públicas’, o descritor curricular\* quase não aparece. Em duas (02) produções (ESTEVEES *et al.*, 2018; XAVIER & BARROS, 2021), por exemplo, esse descritor não aparece uma única vez. Nas referências do conjunto dos artigos, ele majoritariamente aparece em documentos curriculares normativos como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) ou os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), indicando-nos essa ausência de interlocução explícita com o campo do Currículo. Ou seja, nessas produções não há diálogos explícitos com as teorias desse campo; nelas, também não há referência a autores curriculistas brasileiros e nem internacionais. Por fim, também nesses trabalhos não há menções a pesquisadores que atuam na interface entre os campos do Currículo e do Ensino de Ciências.

Quando aparece no corpo do texto, a palavra curricular\* está majoritariamente associada a uma definição tradicional de lista de conteúdo, sem referências a autores do campo. Além disso, na maioria dos artigos, essa lista de conteúdos é objeto de críticas e, segundo os autores, deve ser atualizada e/ou reformada, buscando solucionar o que seriam os “problemas do ensino de Botânica” como, por exemplo, o desinteresse dos estudantes pela área, uma vez que seu ensino “é marcado por diversos problemas, como o enfoque de conteúdos altamente cientificista, termos específicos a determinadas áreas” (ESTEVEES *et al.*, 2018, p. 5366).

A palavra currículo, como dito, é mais comumente utilizada para se referir aos documentos normativos, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em que “os investimentos para o ensino de Botânica são tímidos e poucos exemplos são encontrados” (CORDEIRO *et al.*, 2021, p. 2). Reduzida à uma noção de lista de conteúdos e atividades pedagógicas, a produção curricular é enunciada nos artigos apresentados como carente de um trabalho de maior dinamização para a resolução de problemas como o desinteresse dos alunos, enfatizando o uso de diferentes estratégias e tecnologias para contextualizar melhor o ensino. É o caso, por exemplo, da produção e utilização de um “atlas didático de Histologia Vegetal como recurso auxiliar no Ensino de Botânica” (XAVIER & BARROS, 2021, p. 3798).

Essa ausência de discussão com o campo do Currículo é produtora de um modo de pensar que, ao significar currículo como lista de conhecimentos e práticas pedagógicas, não pensa o currículo como campo teórico, de produção de conhecimentos. Os efeitos desse modo de pensar atuam, inclusive, na produção da referida noção de ‘cegueira botânica’, uma vez que as críticas a essa lista de conhecimentos operam apenas com a oposição entre ausência e presença de certos conteúdos e práticas sem questionar as histórias que ‘naturalizaram’ essas ausências e/ou presenças. Nesse processo, deixamos de enxergar e analisar o currículo como construção social e histórica, como um campo de disputa no qual aquilo que nomeamos Botânica pode se articular, entrar e sair. Em tal perspectiva, as decisões curriculares tendem a se ‘naturalizar’, deixando de serem vistas como parte das disputas por significar o real.

Aqui, diferentemente, compreender o currículo como um campo de significação nos permite enxergar que a Botânica disputa tempo e espaço com diversos outros conhecimentos.

É com essa lente teórica que reconhecemos como o campo da Botânica, com sua organização e seleção de conhecimentos, atravessa e é atravessado por diversos aspectos relacionados a outros campos das Ciências Biológicas, das Ciências Sociais e do campo pedagógico. Tomamos emprestada, então, a noção de *alquimia* proposta por Popkewitz (2001) segundo a qual os diversos campos disciplinares precipitam exatamente de processos envolvendo encontros e misturas no processo de produção curricular. Para esse autor, a *alquimia* envolve “uma mistura de práticas reguladoras e de instrução” (POPKEWITZ, 2001, p. 105) que produzem, simultaneamente, os conhecimentos e os sujeitos da educação. Ela ocorre em três níveis: “primeiro, no conteúdo do currículo, que enfatiza a transmissão de ‘fragmentos’ (*bits*) de informação; segundo, na ênfase em determinados recursos textuais e, terceiro, na ligação do conhecimento com as subjetividades através de restes e de sua preparação” (POPKEWITZ, 2001, p. 105).

Como vimos, o reconhecimento da Botânica como efeito desse *processo alquímico* que é produtor dos conhecimentos e sujeitos da educação nos permite ‘desnaturalizar’ a tal cegueira botânica, repetido e normalizado na ideia de que “o ensino de Botânica sofre certa negligência nos currículos, o que acentua a também contatada cegueira botânica” (CORDEIRO *et al.*, 2021, p. 4007). Ao invés de pensar em termos de “negligência”, passamos a operar com a noção de a Botânica, ao ser atravessada por outros conhecimentos, é *alquimicamente* transformada em conhecimento escolar, perdendo características da sua ciência de referência. É nesse contexto, por exemplo, que a mesma produção que aborda a cegueira botânica (CORDEIRO *et al.*, 2021) também reconhece a presença da Botânica em questões do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), majoritariamente em questões que os autores categorizam como interdisciplinares, uma vez que:

(...) há questões que se relacionam com geografia política, história e sociologia e atualidades; outras que abordam saberes etnobiológicos, da cultura indígena, por exemplo; ou ainda, vegetais tornando-se “pano-de-fundo” para uma situação-problema que envolve o controle de qualidade de polpas de frutas, mas que articula habilidades de química por meio da leitura sob a forma de uma tabela, tão recorrente nos itens de Ciências da Natureza (CORDEIRO *et al.*, 2021, p. 4).

Apesar desse reconhecimento da presença da Botânica em conhecimentos escolares interdisciplinares, evidenciamos nas produções analisadas a hegemonização de discursos que produzem a Botânica como um campo de ensino descontextualizado, teórico e mnemônico. Essa perspectiva, antes de buscar conhecer o que vem sendo historicamente produzido e validado como conhecimento escolar, aposta em uma ideia sobre o que é adequado (ou não), correto (ou não) no ensino da temática. Em outra direção, argumentamos que é potente nos dedicarmos a entender como vem se construindo o ensino de Botânica, quais discursos vêm significando-o no Brasil, como vêm se desenhando esse processo de precipitação em um campo disciplinar e curricular, sem juízos de valores, mas abertos a reconhecer o que está sendo construído nos processos de produção curricular. Ao reconhecer que o conhecimento escolar tem uma lógica própria e que os conhecimentos de Botânica podem vir associados à outras temáticas como a Ecologia e a Nutrição, para dar alguns exemplos, afinamos nosso olhar para o que vem sendo produzido em uma espécie de hibridização de conhecimentos.

### **Considerações finais**

Nesse texto, nos dedicamos a investigar como o ensino de Botânica vem aparecendo na literatura, com foco nas suas associações e relações com o campo do Currículo. Na análise,

evidenciamos as críticas que o ensino de Botânica vem sofrendo dentro da área de ensino de Ciências, sendo caracterizado como muito teórico, descontextualizado e com excesso de nomenclaturas. Embora exista um enorme esforço e inúmeras tentativas por parte de professores por todo o Brasil de dinamizar e contextualizar esse ensino a partir de uma ampla variedade de estratégias didáticas e de atividades pedagógicas, uma perspectiva de ausência/presença desses conhecimentos, e não de perceber a sua história de constituição, segue associando a área a sentidos pejorativos e a uma necessidade de melhoria que assume a ciência de referência como o padrão a ser assumido na escola. Como a relação entre tal área e o campo do Currículo ainda é muito nova e tímida, o que pôde ser percebido pela ausência de diálogos com a literatura específica, é produzido um discurso que normaliza a cegueira botânica.

Ou seja, apesar de os artigos analisados se posicionarem no eixo temático ‘Ensino de Ciências e Biologia: Avaliação, Currículo e Políticas Públicas’ do evento, notamos significativa ausência da relação entre o ensino de Botânica e as teorias do Currículo. Na maior parte, os trabalhos focaram nas ausências do ensino e na crítica ao currículo como lista de conteúdos, sem uma análise mais profunda de como estes são produzidos e se organizam historicamente, percebendo-os como um campo de disputa de tempo e espaço, campo de produção de conhecimento por meio de *processos alquímicos* que resultam na transformação e mistura dos conhecimentos de referência a partir da união de diversos aspectos. Argumentamos, então, que, para entender como o ensino de Botânica se constitui e opera, é potente que as discussões a seu respeito conversem mais com teorias do Currículo e com discussões produtivas do campo.

Por fim, para seguirmos na luta em defesa da Botânica, precisamos entender como ela emerge nos currículos da educação básica no país, dando maior visibilidade aos *processos alquímicos* que a tornam parte das disciplinas escolares Ciências e Biologia. Nesse trabalho, buscamos contribuir para maiores reflexões sobre o tema, visando a incentivar análises que envolvam o campo do Currículo com o ensino de Botânica, ampliando o debate entre eles.

## Agradecimentos e apoios

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj) e Universidade Federal do Rio de Janeiro (Programa de Apoio a Docente Recém Doutor Antonio Luís Vianna – ALV 2020).

## Referências

DIAS, B. F.; OLIVEIRA, G. P.; VASCONCELOS, W. C.; MARSICO, J. **O ensino de botânica no contexto escolar: uma revisão de trabalhos apresentados nos enebios (2016-2018)**. Anais do XIII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências. Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/76626>>. Acesso em: 13/11/2022 20:21

FERREIRA, M. S. História do currículo e das disciplinas: apontamentos de pesquisa. In: FAVACHO, A. M. P.; PACHECO, J. A.; SALES, S. R. (org.). **Currículo, conhecimento e avaliação: divergências e tensões**. Curitiba: CRV, 2013, p. 75-88.

FERREIRA, M. S. História do Currículo e das Disciplinas: produzindo uma abordagem discursiva para investigar a formação inicial de professores nas Ciências Biológicas. In: Leite, M. S.; Gabriel, C. T. (org.). **Linguagem, Discurso, Pesquisa e Educação**. Petrópolis/Rio de

Janeiro: DePetrus/FAPERJ, 2015, p. 265-284.

FERREIRA, M. S.; MARSICO, J. Historicizar os currículos em tempos recentes: regulações e efeitos no ensino e na formação de professores em Ciências e Biologia. In: FERREIRA, M. S.; CHAVES, S. N.; AMORIM, A. C. R.; GASTAL, M. L. A.; BASTOS, S. N. D. (Org.). **Vidas que ensinam o ensino da vida**. São Paulo: Ed. Livraria da Física, 2020, p. 165-179.

FERREIRA, M. S.; SANTOS, A. V. F. Discursos curriculares no/do tempo presente: subsídios para uma articulação entre a História e as Políticas de Currículo. In: LOPES, A. C.; OLIVEIRA, M. B. (org.). **Políticas de Currículo: pesquisas e articulações discursivas**. Curitiba: CRV, 2017, p. 55-78.

FERREIRA, M. S. Curriculum History as History of the Present: between the alchemy of knowledge and the fabrication of subjects. In: Weili Zhao; Thomas S. Popkewitz; Tero Autio. (Org.). **Epistemic Colonialism and the Transfer of Curriculum Knowledge across Borders: applying a historical lens to contest unilateral logics**. 1ed. New York: Routledge, 2022, p. 118-133.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

MARSICO, J.; FERREIRA, M. S. História do Currículo do Presente: investigando processos alquímicos no ensino de Ciências para a Educação de Jovens e Adultos no Brasil. **Educação Temática Digital**, v. 22, p. 837-855, 2020.

POPKEWITZ, T. S. **Lutando em defesa da alma: a política do ensino e a construção do professor**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

POPKEWITZ, T. S. História do Currículo, regulação social e poder. In: SILVA, T. T. (org.) **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 173-210.